

GUIA PARA

LÉSBICAS



NUM

COLÉGIO CATÓLICO

SONORA REYES

SECRET
SOCIETY





Dedicado à minha mãe. *Mi otro yo.*





NOTA DA AUTORA

Este livro trata de questões de racismo, homofobia, imigração, assim como de ideação suicida e hospitalização de uma personagem. Fiz os possíveis por retratar estes temas com o máximo respeito e sensibilidade. Se estes assuntos forem difíceis para ti, fica o conselho para que cuides do teu bem-estar mental e emocional, que são sempre prioritários.

1

NÃO CONFIARÁS NUMA CABRA HIPÓCRITA

Os sete anos de azar já ninguém mos tira.

Há muito tempo que não esmurrava nada, e aquele toucador estava a pedi-las. Estúpido do espelho. Estúpida *Yami*.

Não interessa. Os espelhos são sobrevalorizados, e dar-lhes um murro é subvalorizado. Nunca gostei de olhar para mim. Não porque não me ache gira. Quero dizer, *sou* gira — modéstia à parte —, mas isso não vem ao caso. Prefiro este novo reflexo. Está rachado a ponto de quase não me reconhecer. Estilhaçado nos sítios certos. Fui *eu* quem fez isto. Com o meu punho. Quem disse que não sou durona?

Não viro a cara a uma luta, desde que seja com um objeto inanimado. Não esmurrei o espelho a ponto de o partir, mas o facto de os nós dos meus dedos estarem a latejar diz-me que usei bastante força. O meu peito incha com o feito, assim como a minha mão.

Merda. Tanto sangue.

Pronto, talvez não devesse ter feito isto. A minha mão está a tremer e o sangue começa a pingar, mas não há nada a fazer. Só consigo pensar na Bianca, e na outra coisa que não devia *mesmo* ter feito.

Quem é que se despede do emprego só para evitar a possibilidade de se cruzar com uma ex? Nem sequer uma ex.

Uma cabra *ex*-traordinariamente hipócrita. Uma ex-melhor amiga, por quem me envergonho de alguma vez ter nutrido sentimentos.

A Bianca nunca teve jeito para guardar segredos, por isso não sei porque é que pensei que ela guardaria este para si. A culpa é minha por ter confiado nela. A última vez que a vi foi quando ela me obrigou a sair do armário no final do 10.º ano. Estava feliz da vida por não voltar a vê-la, mas hoje lá *tinha* ela de entrar no café onde trabalho. *Trabalhava*.

É preciso ter lata para me tentar confrontar no meu local de trabalho. Não era como se eu conseguisse defender-me. Contra ela, nunca consegui. Por causa dela, nem sequer aguentei duas semanas no meu emprego de verão.

Então agora vais fugir para o colégio católico? Estás assim tão desesperada por me evitar?

Sim. Desesperada a ponto de me despedir do meu emprego. Tudo para não a ver. Tudo.

— Yami? — O Cesar bate à porta, mas não espera por uma resposta antes de abrir e espreitar cá para dentro. — Já te ligo — diz ele à pessoa com quem está a falar ao telefone. Deve ter ouvido o espelho partir-se. Os seus olhos arregalam-se ligeiramente ao ver o meu punho, por isso adianto-me antes que ele possa dizer alguma coisa.

— Era a tua *namorada*? — provoco.

— É por aí. — Ele encolhe os ombros.

— És mesmo um engatão — digo, abanando a cabeça.

— *Adiante*. Estás bem? — O meu irmão olha para os meus nós dos dedos ensanguentados e para o espelho, à espera de uma explicação que eu não lhe dou. Eu é que devia estar preocupada com ele, não o contrário. Os seus nós dos dedos têm crostas frescas, como os meus também vão ter, e ele tem um olho negro. Apenas mais uma variação do habitual.

— E *tu*, estás bem? — devolvo-lhe a pergunta.

Ele olha para o espelho e depois para mim antes de entrar. Salta por cima da roupa suja que está no chão e avança para a minha cama, com um sorriso escarninho.

— Tive nota máxima a tudo! — diz-me. Pronto, não sou a única a mudar de assunto. Eu e o Cesar temos uma regra tácita: só podemos fazer perguntas pessoais uma vez. Se a pergunta for evitada, acabaram-se as intromissões. É assim que mantemos a paz.

Dou-lhe um high five com a minha mão boa e depois vou à nossa casa de banho partilhada lavar o sangue, deixando a porta aberta para que ele me possa ouvir.

— *¡Eso!* Não admira que tenhas conseguido uma bolsa de estudo para Slayton.



O Cesar é, sem dúvida, o melhor aluno dos dois. Saltou um ano, por isso estamos ambos quase a entrar para o 11.º ano. Muitos partem do princípio de que somos gémeos, o que não me chateia nada. Isso atenua o facto de o meu irmão mais novo ser muito mais inteligente do que eu. Não estou no quadro de honra como ele, mas safo-me bem.

Como não tenho bolsa de estudo, terei de arranjar outro emprego o mais depressa possível, para pagar a minha metade das propinas. Só assim é que a nossa mãe consegue ter-nos aos dois no Colégio Católico de Slayton, e eu não me importo de ter de trabalhar. Morreria de vergonha se tivesse de voltar à Secundária de Rover depois do que a Bianca fez. O colégio católico e outro emprego vão valer a pena se nunca mais tiver de ver aquela carinha linda e traidora. Adeus, Rover, não posso dizer que vou ter saudades tuas.

Certifico-me de que todo o sangue desapareceu e passo um pouco da supercola do Cesar no corte antes de voltar para o meu quarto. Quando termino, mal se nota o estrago. Se há coisa que sei fazer é esconder a dor.

O Cesar está deitado na minha cama, a olhar para o teto e a mexer na cruz que está na ponta da corrente que tem ao pescoço.

— Queres mesmo ir para Slayton?

Encolho os ombros e caio na cama ao lado dele.

A Bianca não é a única razão para eu ir para Slayton, mas não posso dizer isso ao Cesar. Para ele, a mãe está a obrigar-nos a ir porque precisamos de uma «educação melhor», com melhores professores e aulas mais avançadas. É também a forma de ela compensar o facto de já não ter tempo para nos levar à igreja.

Pelo menos, são essas as razões que revelamos ao Cesar. Não lhe dizemos que é também por causa de todos os problemas em que ele se tem metido na Rover e porque a mãe acha que em Slayton será mais seguro — tendo em conta os valores católicos. Não lhe dizemos que eu insisti em ir com ele para o manter longe dos problemas. É um colégio católico todo finório, mas é também um novo começo para os dois. E pelo menos agora, sei que devo manter a boca fechada em relação a qualquer paixãoeta. Desta vez, serei furtivamente gay. Como a Kristen Stewart.

O Cesar vira-se de lado para me encarar.

— Ouvi dizer que aquilo é só gente branca.

— É provável.

Os alunos da Rover são maioritariamente *Chicanes*¹ negros e latinos, mas o Colégio de Slayton fica na zona norte de Scottsdale, a cerca de 40 minutos de carro de onde vivemos. Digamos que não há muita melanina por lá. Provavelmente, conseguiria pagar as propinas a vender protetor solar nos intervalos das aulas.

— E a equipa de futebol americano não vale nada — diz ele.

— Tu nem sequer jogas futebol americano.

— E agora muito menos.

1. *Chicanes* é uma identidade étnica usada por pessoas de origem mexicano-americana que rejeitam a hegemonia anglo-americana e valorizam a sua identidade indígena. [N. E.]

Ele tem um brilho triste no olhar, como se jogar futebol sempre tivesse sido um sonho. Juro que ele é o tipo mais dramático que conheço.

— Oh, *pobrecito*. — Tento beliscar-lhe a bochecha, mas ele afasta a minha mão. É apenas dez meses mais novo do que eu, mas nunca permitirei que se esqueça de que é ele o bebé.

— Ouvi dizer que te obrigam a fazer, tipo, dez horas de trabalhos de casa por dia. Isso é abuso de menores. Quando é que dormimos? Quando é que comemos? Vamos morrer à fome! — diz, atirando os braços para o ar.

Rio-me e dou-lhe com a almofada.

— Havemos de sobreviver. — Não lhe digo que é ele quem terá muitos trabalhos de casa, fruto das aulas avançadas que vai frequentar por ser um aluno brilhante. — Além disso, é melhor do que a alternativa, certo?

— Qual alternativa?

— Tu sabes. — Aponto para o olho negro. — Ser atacado. — O seu maxilar aperta-se, e arrependo-me imediatamente de ter falado nisso, por isso continuo. — Ou comer nuggets de frango rançosos ao almoço. Isso é abuso de menores. Ao menos, em Slayton podemos comer como deve ser.

— Talvez.

Ele não parece achar piada. O Cesar não tem instintos de autopreservação. Quase parece que quer continuar a levar pancada na Rover. Ponho o meu braço à volta do ombro dele.

— Não te preocupes, se alguma vez sentires falta da comida da Rover, basta lamberes a sola do teu sapato. Vai ser como se nunca tivesses saído de lá.

Ele resfolega e atira uma das pernas para o ar.

— Desculpa lá, mas os meus sapatos estão limpinhos. Isto é um jantar de cinco estrelas.

— A *sola* dos teus sapatos, *tonto*. — Preparo-me para lhe dar um piparote na orelha, mas ele antecipa-se e dá-me um primeiro. — Ai! — Esfrego a orelha. Malditos reflexos lentos.

Mas não faz mal. Prefiro ter uma orelha dorida a ter um irmão mais novo chateado comigo.

O meu telemóvel vibra e a fotografia da minha mãe aparece no ecrã. Não sei porque liga para o meu telemóvel quando podia chamar por mim. A nossa casa não é grande o suficiente para eu não ouvir. Atendo na mesma.

— Sim, *mami*.

— *Ven pa' acá, mija*.

— Já vou.

Desligo. A minha mente está a mil, a tentar arranjar uma desculpa para o facto de o espelho se ter partido.

— Diz-lhe que fui eu quem o partiu. — O Cesar deve ter-me lido a mente, apesar de nem sequer estar a olhar para mim. Ele é bom nisso.

— Porquê?

— Ela vai acreditar em ti, e eu não arranjo problemas.

Ele tem razão. O Cesar é o bebé da mãe. Ele parte um espelho e ela vai querer saber se a mão dele está bem. Eu parto um espelho e fico de castigo, no mínimo. Mesmo assim, não vou atirar a culpa para cima dele.

Reviro os olhos e dirijo-me para o quarto da minha mãe. No corredor, evito olhar para a sua coleção de cruzes e para a galeria de retratos de Jesus nas paredes. Porque aparentemente um Jesus não é santidade suficiente para me assustar a ponto de entrar nos eixos — não que a minha mãe saiba que preciso de o fazer. Quem me dera que o Cesar não acreditasse tanto nestas coisas, para poder, pelo menos, desabafar com ele. O retrato de maiores dimensões deixa-me particularmente nervosa. Jesus está a olhar diretamente para mim — não, *através* de mim —

e os seus olhos estão tristes como se soubesse que hei de ir parar ao Inferno. Não consigo deixar de sentir que não importa se estou no armário ou não. Ouço a voz da minha mãe na minha cabeça: *Jesus vê tudo*. Sinto um aperto no estômago, como se as cruces estivessem a tentar exorcizar a lésbica que há em mim. Fixo os olhos no tapete e percorro o resto do Corredor da Vergonha em passo acelerado até chegar ao quarto dela.

Quase piso um brinco de missangas por terminar quando entro. O desenho angular parece recriar uma flor vermelha e laranja. Como habitualmente, o chão está cheio de missangas, fios, arames e outros materiais de trabalho. A mãe faz bijuteria e trabalhos com missangas mexicanas para vender no seu tempo livre, e tem muito jeito. Como se não estivesse já suficientemente ocupada com o seu emprego a tempo inteiro num *call center* e com os dois filhos. Tento perceber se ela me viu quase a pisar o brinco, mas não reage.

Dá palmadinhas no espaço da cama ao lado de onde está deitada. Tem o cabelo apanhado num carrapito desalinhado e está de óculos de sol — aqueles que usa depois de uma sessão de chorradeira. Não sei o que se passa, mas acho que não é o espelho. É a mim quem ela chama quando está a usar os óculos de sol. Está sempre demasiado preocupada com o Cesar para o incomodar com os seus problemas.

Passo por cima da confusão que está no chão e deito-me na cama para assumir a nossa posição habitual de abraço. A cama dela é muito mais confortável do que a minha e, por mais velha que eu seja, sentir-me-ei sempre mais segura nela. A mãe aperta-me num abraço e afaga-me o cabelo. Fecho os olhos, e ficamos as duas em silêncio por alguns instantes.

Ela não diz nada sobre o espelho. Não deve ter-me ouvido a parti-lo. Sei que devia estar a consolá-la, mas sinto-me tão culpada. Tenho de dizer a verdade.

— Despedi-me do emprego — desabafo, como quem arranca um penso rápido. Seja como for, ela iria perceber. — Mas vou arranjar outro, prometo.

— *Ay Dios mío...* — suspira, enquanto se benze. — Não me digas que a Bianca te convenceu a sair. Ela é uma má influência. O nome da Bianca causa-me arrepios no corpo.

— Não, *mami*. Já nem sequer somos amigas.

Tento não me deixar afetar pelo facto de ela ainda não ter percebido. Só passaram algumas semanas desde que a Bianca me fez outing, por isso talvez a *mami* tenha estado demasiado ocupada para reparar.

— *Ay, ay, ay...* então, falamos sobre um novo emprego mais tarde.

Por algum motivo, ela não parece ficar zangada por me ter despedido. Não é a reação que eu esperava.

— Está bem...

Ela demora algum tempo a dizer o que quer de mim.

— Preciso que me faças um favor. Pode ser, querida? — A sua voz é rouca.

— Sim, *mami*.

— Sabes que quero o melhor para ti e para o teu irmão, não sabes?

— Sim.

— Não sei o que fazer com aquele rapaz. — Ela deita-se de costas. — O teu pai sempre teve muito jeito para falar com ele.

Não digo nada. O meu pai foi deportado para o México quando eu tinha 10 anos. Falamos ao telefone e, por vezes, conversamos por videochamada, mas há anos que não o vejo. Depois de ter partido, a mãe passou um mau bocado a tentar trazê-lo de volta e gastou todas as suas poupanças em custas legais. Mas o sistema não nos valeu e ele não vai voltar.

O *papi* e o Cesar são as duas únicas pessoas que sinto que me compreendem realmente. É uma pena que só possa falar com ele através de um ecrã, e por breves instantes.

— Falei com ele hoje. Tem saudades tuas. E do Cesar. — Ela limpa o olho por baixo dos óculos. — O Cesar não me dá ouvidos como dava ao pai.

Consigno respirar um pouco melhor sabendo que ela está chateada com o Cesar, não com o meu emprego, ou mesmo com o espelho. Mas sei que vai arranjar maneira de eu vir à baila. É sempre assim.

— O Cesar vai ficar bem, *mami*. — Aperto-lhe a mão.

O Cesar diz sempre que está bem e faz-se de durão, mas o facto de ele ripostar não faz com que seja uma luta justa. Eu e a mãe tentámos perguntar-lhe porque é que ele continua a meter-se em brigas e o que se passa, mas ele vira-se contra nós ou recusa-se a falar quando sente que está a ser interrogado. O melhor que tenho conseguido fazer é zelar por ele, mas até nisso estou a falhar. Parece que cada vez que olho para o lado ele está a arranjar uma zaragata ou a ser atacado, por isso sinto-me impotente para impedir que ele continue a chegar a casa com olhos negros e lábios abertos.

— Ele dá-te ouvidos. — O lábio da minha mãe está a tremer e eu não sei o que fazer. Enfio o punho ferido no bolso da camisola com capuz. Se descobre que dei um murro em alguma coisa, vai pensar que é por minha causa que o Cesar se tem metido em sarilhos. Um passo em falso faz com que a culpa seja sempre minha. É muita pressão, ter de ser o modelo perfeito para o meu irmão quando nem a minha vida consigo ter nos eixos.

Desde que o pai se foi embora, há uma regra implícita que dita que tenho de cuidar do Cesar como o pai cuidava. Segundo a mãe, tudo o que lhe acontecer de mau é culpa minha.

Estou cansada.

— O que queres que faça?

— Preciso que dê um bom exemplo. Diz-lhe que esta será uma boa oportunidade para vocês. Olha por ele. Este colégio é pequeno, por isso não vais ter problemas. — Parece que está a insinuar que *não* tenho tomado conta dele. Até parece que não arranjei um emprego *só* para o seguir até à Escola de Jesus. Quero dizer-lhe que a culpa do que lhe acontece não é minha, mas ela não acreditaria se o fizesse.

— Está bem, *mami*.

— Ah, e estás de castigo.

— O quê? — Sento-me na cama. Como pode pedir-me um favor e pôr-me de castigo, *enquanto* me abraça? Até me admira não ter estalado o pescoço quando o virei.

— Até arranjares outro emprego. Sabes que não tenho dinheiro para te mandar para aquele colégio.

— Eu arranjo outro emprego — digo. Já tencionava fazê-lo. E estar de castigo não faz diferença, visto que a única pessoa com quem posso conviver agora é o Cesar.

— E vais tomar conta do teu irmão.

— Sim, *mami* — digo, enquanto me arrasto para fora da cama dela.

Vou deixar o Cesar pensar que falámos sobre o espelho.

2

NÃO ADORARÁS OUTRO DEUS ALÉM DO CAPITALISMO

◆ **D**evia estar a fazer o trabalho de verão que recebi pelo correio para a minha aula de Literatura Inglesa, mas arranjar um emprego é prioritário. Mas que raio de escola passa trabalhos de casa nas FÉRIAS? Se arranjar emprego, talvez faça uma apresentação sobre como os trabalhos de casa são pouco éticos e desgastantes.

Por mais ocupada que esteja a preencher formulário atrás de formulário, estar de castigo é uma situação muito solitária. Normalmente, chamaria a Bianca para me dar apoio moral ou conselhos. Mas agora sei que ela nunca foi minha amiga.

Parte de mim quer estar grata por ela só ter contado a três pessoas que sou gay — às nossas amigas Stefani e Chachi, e à mãe da Bianca —, mas essa parte de mim é demasiado ingénua. Ela não devia ter contado a *ninguém*. Agora que olho para trás, percebo que nunca fui muito próxima das outras raparigas do nosso grupo de amigas. Elas só me toleravam porque eu era amiga da Bianca. Ela era a «líder» do grupo, as outras eram as suas obedientes seguidoras.

Mas ela era mais do que uma líder, e eu não era apenas uma seguidora. Ela era a super-heroína e eu era a sua parceira.

Pronto, se calhar «parceira» é um exagero. Eu era mais a fã em perigo que o herói tem de estar sempre a salvar. Ninguém quer

saber dessa personagem. Na verdade, estou contente por a Bianca ter destruído essa ilusão, porque assim já não tenho de desempenhar esse papel. Agora, sou a minha própria heroína e ela é a vilã.

Acho que era muito ingénua naquela altura. Tinha *visto* o lado mau da Bianca. Como ela falava mal de toda a gente só porque sim. Como desprezava qualquer pessoa fora do nosso pequeno grupo. Sob o brilho da Bianca, sentia-me especial. Devia ter percebido como seria fácil para ela fazer de mim o alvo.

Durante algum tempo, a procura de emprego proporciona uma boa distração da Bianca. Não tenho de pensar no quanto a odeio, enquanto estou ocupada a preencher candidaturas e a reescrever compulsivamente o meu currículo. Passo o resto do mês de junho e todo o mês de julho à procura de emprego, mas depois de receber apenas rejeições desoladoras, continuo sem sorte. Por muitas voltas que dê, o meu currículo não é propriamente impressionante. Só tive um emprego como barista e nem sequer consegui aguentá-lo duas semanas. E não há muitas vagas de emprego a curta distância da nossa casa.

Teoricamente, só posso usar o telemóvel para procurar emprego e para emergências mas, entre uma candidatura e outra, sempre *posso* ficar a olhar para o ecrã sem notificações. O fundo do meu telemóvel faz-me sentir um pouco melhor por não ter mensagens de texto. É uma fotografia minha e do meu pai a fazermos as nossas melhores poses de *America's Next Top Model*. Eu tinha 8 anos, por isso o *papi* está ajoelhado para ficar à minha altura, e estamos os dois a fazer aquela pose esquisita com as mãos nas ancas e os cotovelos invertidos. Sorrio para a fotografia e penso em ligar ao meu pai, mas como estou de castigo, continuo a olhar para a ausência de notificações.

Censuro-me por estar à espera de ver o nome da Bianca. Não devia ter saudades dela. Devia estar chateada. *Estou* chateada e, no entanto...



— *Argh!*

Entro no quarto da minha mãe e salto por cima da bijuteria dela para o colchão daquela cama que tanto me consola. Ela matava-me se pisasse alguma das suas coisas. Tapo a cara com o edredão e ponho-me a pensar.

Como a mãe só pode pagar metade das minhas propinas, se não conseguir arranjar trabalho para pagar a minha parte, terei de voltar para a Rover. Sozinha. Não poderia cuidar do Cesar como a mãe espera que faça. Ela já está irritada por eu não ter conseguido entrar nas aulas avançadas dele — se ele se meter em sarilhos e perder a bolsa, quem vai apanhar por tabela sou eu.

Esse é que é o busílis da questão. Não se trata de eu «fugir» da Bianca. Não voltar a vê-la é apenas mais uma vantagem de toda esta situação, desde que consiga arranjar outro emprego. Mas ninguém quer contratar uma miúda de 16 anos, sem carro e sem experiência. Tenho de ser inovadora na minha forma de pensar. Sento-me e afasto o edredão. Pensa. *Pensa*.

A cama é demasiado confortável para conseguir pensar a sério, por isso levanto-me e sento-me no chão. Mas não consigo concentrar-me, porque a bijuteria da mãe está por toda a parte. Ela deixa peças meio acabadas espalhadas por todo o lado e nem sequer se dá ao trabalho de separar as que estão acabadas das que ainda vão a meio. Começo a organizar a confusão para desanuviar a cabeça. Sinceramente, ela podia ganhar muito mais dinheiro se fosse mais organizada e se se dedicasse minimamente à página do Etsy. Por curiosidade, abro a loja online no meu telemóvel.

Chega a ser embaraçoso. As fotografias estão desfocadas e a bijuteria tem como pano de fundo a alcatifa azul-escura e desbotada do quarto da minha mãe, em vez de qualquer outro cenário. Isso não favorece as cores vibrantes.

A minha mãe não percebe *mesmo* nada de redes sociais ou de tecnologia. Isso dá-me uma ideia. Talvez consiga surpreendê-la! Renovar a sua página no Etsy e criar-lhe uma conta no Instagram pode ser exatamente aquilo de que ela precisa. Examino cuidadosamente o seu trabalho e escolho os meus exemplares preferidos de cada estilo. Ela tem algumas peças básicas que vende por pouco dinheiro, como brincos de contas ou colares com cristais encastrados numa corrente. As pulseiras feitas à mão são sempre um sucesso nas feiras, mas as minhas peças preferidas são aquelas com missangas.

As cores que ela escolhe tornam-se mais vibrantes quando são misturadas, como se o design lhes desse uma vida que não tinham antes. Os seus colares, brincos e pulseiras de contas fazem-me lembrar o México. Não vou lá desde pequena, mas sempre me senti mais em casa do outro lado da fronteira.

Aliso o lençol branco e disponho em cima as peças acabadas da mãe. Não ficam mal, mas o lençol não faz jus à sua beleza. Ainda bem que nunca me faço rogada a uma mudança de visual. Depois de arranjar as unhas, a cara e o cabelo, estou pronta para ser modelo de bijuteria.

— Cesar! ¡Ayúdame! — grito.

— Com o quê? — quer ele saber.

— Anda cá e cala-te!

— Pronto, está bem. — Ele entra e olha para mim e para as peças que estão em cima da cama. — Hem, o que estás a fazer?

— A fazer da *mami* uma mulher rica. — Sorrio. — E tu vais ser o meu fotógrafo.

— Só se fores comigo buscar Takis.

Hum. Estava capaz de jurar que acabei de o ouvir dizer a uma rapariga ao telefone que estava doente e não podia sair. O Cesar está a usar os Takis como desculpa para me tirar de casa. Ele nem sequer partilha comigo, o que me irritaria se eu

gostasse de tiras de milho. Acho que ele está a deixar de fazer coisas só para se certificar de que estou bem.

Ele não sabe o que aconteceu, mas já deve ter adivinhado que *algo* se passa. Tenho a certeza de que o espelho partido e a ausência da Bianca o deixaram com a pulga atrás da orelha. Eu costumava passar quase todos os dias com ela, em minha casa ou na dela, desde que éramos pequenas, mas o verão está quase a acabar e ela não veio a nossa casa uma única vez desde que as aulas terminaram.

— Mas eu estou de castigo — resmungo.

— A mãe está a trabalhar. — Ele pisca-me o olho, o que aparentemente não consegue fazer sem virar a cabeça e abrir a boca para conseguir fechar o olho. — Além disso, ela queria que le-vássemos *tamales* à *Doña* Violeta. Não precisa de saber que também fomos buscar Takis.

Não é preciso muito para me convencer porque, sinceramente, acho que não mereço ficar de castigo. Tenho a certeza de que ela vai voltar atrás assim que eu lhe contar a minha ideia do Etsy. Além disso, não quero que o Cesar vá sozinho à loja da esquina. E a *mami* também não quereria. Os tipos com quem ele está sempre à porrada não vivem muito longe, e até parece que ele tem azar quando não estou por perto. Prefiro não arriscar, mesmo que esteja um calor que não se aguenta na rua.

— Está bem, mas primeiro vamos tirar fotografias. — Passo-lhe o meu telemóvel, e ele começa a fotografar antes de eu estar pronta. — Ainda não!

Apresso-me a pôr uma pulseira e a mostrar o pulso para a câmara, mas ele abana a cabeça.

— Põe aqueles também — diz, enquanto aponta para um par de brincos castanhos e azuis que foram feitos para combinar com a pulseira. Ponho-os e faço uma pose com a mão a tocar na orelha, para que se possa ver os dois. — Não precisas de fazer

isso. A tua boca nem sequer aparece na fotografia — diz-me, e eu desfaço o beicinho.

O Cesar é um fotógrafo mandão, mas tem muito jeito. Indica as poses que devo fazer e as peças que devo usar com o quê. Mas cansa-se depressa e deixa-me sozinha enquanto dou voltas à cabeça para escolher o nome da página e do Insta. Após cerca de uma hora de deliberação, acabo por escolher JoyeriaFlores tanto para o Etsy como para o Instagram. No Etsy, o nome anterior era Maria749, e estava mesmo a pedir uma mudança. Em seguida, preciso de dinheiro para criar alguns anúncios. Elimino todos os atuais, uma vez que é difícil perceber sequer o que ela estava a tentar vender. Segundo a aplicação, não faz uma venda há algum tempo, mas isso está prestes a mudar. Quero provar à *mami* que a página é um sucesso *antes* de lha mostrar, por isso tenho muito trabalho pela frente.

O único problema é que já lhe dei todo o dinheiro do meu último emprego para pagar as propinas. Felizmente, tenho outra pessoa a quem posso pedir. Envio uma mensagem rápida ao meu pai e conto-lhe tudo sobre o meu plano, anexando algumas das fotografias que tirei e informando-o do valor dos anúncios. Bastam alguns minutos para receber a resposta no telemóvel.

Papi: Ay, que linda ❤️ A tua mãe vai adorar. Estou ansioso para saber a reação dela.

E depois recebo uma notificação do *PayPal*. Ele enviou-me dinheiro suficiente para pagar anúncios aos primeiros 20 artigos, e 20 dólares extra juntamente com outro *emoji* de coração.

Adoro o meu pai.

Com os anúncios pagos, tenho o cuidado de incluir os custos com anúncios, transações e processamento no preço, para não perdermos dinheiro. Com esta habilidade para o negócio, como é que alguém pode resistir a contratar-me? Eles é que ficam a perder.

Depois de pôr à venda todas as minhas peças preferidas, partilho algumas fotografias e os links no meu Twitter, com uma legenda sobre o esforço que a minha mãe faz para nos sustentar e o quanto gosto dela e das suas peças, blá-blá-blá. É foleiro, mas as pessoas adoram estas tretas.

— Vamos aos Takis. — O Cesar volta a aparecer no quarto com uma cara séria.

Leio a legenda várias vezes antes de carregar no botão «publicar». Quando desço as escadas, o Cesar já está à espera à porta com os *tamales* congelados. Embrulhou-os em pratos de papel para levar à *Doña* Violeta. Ela tem andado muito deprimida desde que o marido morreu, no ano passado, e não tem cuidado de si, por isso a vizinhança juntou-se para garantir que ela se alimenta. Costumava ser a ama do bairro e tomava conta de todas as crianças da nossa rua, visto que os nossos pais não podiam pagar a creche. Éramos pelo menos oito no seu pequeno T1, mas ela fazia com que tudo funcionasse. Tomou conta de nós nessa altura, e agora somos nós quem toma conta dela.

Assim que saímos de casa, o som de música mariachi triste ecoa pelo bairro, vindo do alpendre da *Doña* Violeta. Ela costumava ouvir canções folclóricas alegres, mas agora a música é sempre deprimente. Passa o dia todo sentada no alpendre, a ouvir música fúnebre, o que deixa todo o quarteirão deprimido.

Ao longo do caminho, não consigo parar de olhar para o telemóvel. Nada. Acho que só passaram uns minutos desde que criei a página no Etsy e a conta no Instagram, por isso não há motivo para preocupação. Volto a guardar o telemóvel no bolso, na esperança de ter mais sorte da próxima vez que olhar para o ecrã. Ainda só passámos por duas casas quando começo a sentir o passeio a queimar como um braseiro nos meus sapatos. Estamos a metro e meio da porta e o calor de Phoenix já me faz suar. Os sacrifícios que faço por esta família.

A casa da Bianca fica a caminho da casa da *Doña* Violeta, mas mantenho os olhos fixos em frente. Não quero olhar para o canteiro de flores que nunca acabámos de plantar juntas. Os vasos de *talavera* vazios que pintámos à mão podiam lembrar-me de que ser amiga da Bianca era *divertido* e, neste momento, preciso de pensar nela como uma cabra impiedosa e sem coração. Mas o Cesar olha para a casa dela quando nos aproximamos, e eu não consigo deixar de fazer o mesmo.

Os vasos não estão vazios. As flores não estão mortas. Sinto um nó no estômago, e o sol parece duas vezes mais quente. Ela plantou as flores sem mim.

— O que se passou entre vocês?

Esperava que ele não dissesse nada, mas sabia que o assunto acabaria por vir à baila. Limpo o suor da testa.

— Nada. Ela morreu para mim.

O Cesar ri-se.

— Se ela morreu para ti, como pode não ser nada?

— Porque não quero falar sobre isso.

Ainda sinto a dor da faca que a Bianca me cravou não nas costas, mas no peito. Mas não posso falar sobre isso com o Cesar. Se a Bianca morreu para mim, não tenho de pensar em como as coisas seriam diferentes se nunca me tivesse assumido diante dela. Se a Bianca não existe, posso seguir em frente com a minha vida. Sinto-me grata pela regra de «uma só pergunta», que me permite não pensar muito no assunto.

Também estou contente pelo facto de a Secundária de Rover ser suficientemente grande para confinar os boatos a um único grupo de amigos. Quaisquer que fossem os rumores sobre mim, o Cesar nunca soube de nada, e vice-versa. Gosto das coisas assim.

Volto a pegar no telemóvel para me distrair de qualquer pensamento sobre a Bianca. O Instagram está a receber alguns

gostos e seguidores, mas nada digno de nota. Suspiro. Sendo realista, sei que não vai explodir logo, mas é difícil ser paciente.

— Para de olhar para o telemóvel. Isso só te vai deixar mais irritada — diz-me o Cesar, quando a *pit bull* ainda cachorrinha da *Doña Violeta* começa a ganir a algumas casas de distância. É o suficiente para distrair o Cesar de me chatear por causa do telemóvel. Mas ele tem razão. Faço questão de o ignorar, pelo menos até chegarmos a casa. Ponho o telemóvel no silêncio para não me sentir tentada a olhar.

O Cesar aproxima-se da cerca de arame, onde a *pit bull* o cumprimenta e lhe lambe as mãos através de um dos buracos. A pobre cadela nunca pode entrar em casa, por isso passa o dia no relvado aparado da *Doña Violeta*. A maioria de nós leva comida, mas há alguns miúdos que se ofereceram para tratar do jardim, uma vez que o relvado já mais parecia um matagal. Agora, a relva está sempre cortada, mas a pobre cadela não tem muito com que se entreter.

O Cesar faz sempre questão de lhe dar atenção quando passamos por lá. Além dos esforços da comunidade, a cadela é a única coisa que ainda dá força à *Doña Violeta*. Tem apenas 1 ano de idade e é suficientemente engraçada para distrair o Cesar dos meus problemas. É óbvio que ele está a tentar preencher o espaço vazio que a Bianca deixou, mas não precisa de saber todos os pormenores. Adoro isso no meu irmão.

A *Doña Violeta* parece só reparar em nós quando já estamos à frente dela, a abraçá-la e a beijá-la na cara. Sorri para nós com os olhos lacrimejantes, mas não diz nada.

— Trouxemos-lhe *tamales* — diz o Cesar por cima da música, apontando para os pratos que trago nos braços.

Ela não responde, por isso entramos para os aquecer. Caso contrário, poderia nem comer. Enquanto o Cesar aquece os *tamales*, eu arrumo um pouco a sala de estar. Os móveis têm

aqueles resguardos de plástico transparente que os impedem de ser confortáveis. Sempre detestei isso em miúda e é algo que continuo sem perceber. O resguardo de um dos sofás ainda tem desenhos desbotados feitos com marcadores, da altura em que eu e a Bianca o tentámos «decorar» quando éramos mais pequenas. Ruborizo com a recordação. É como se, aonde quer que eu vá, a Bianca estivesse sempre comigo, a provocar-me.

Quando a comida fica pronta, eu e o Cesar sentamo-nos no chão do alpendre da *Doña Violeta* enquanto ela come, contando-lhe todas as histórias que nos ocorrem para a tentar animar. Quanto mais nos demoramos, menos tristes ficam os seus olhos. Despedimo-nos apenas quando o seu sorriso já não é forçado e temos a certeza de que ela não vai passar o resto do dia a chorar.

— Obrigada por isto. *Los quiero muchísimo* — sussurra ela beijando-me a testa, e depois repete estas palavras quando faz o mesmo ao Cesar.

— Também gostamos muito de si — dizemos os dois enquanto lhe damos um abraço forte, antes de irmos à loja da esquina comprar os Takis do Cesar e depois voltarmos para casa.

A pintura cor de laranja mal-amanhada faz com que a nossa casa se destaque das demais. Eu, o pai e o Cesar pintámo-la num verão, quando a *mami* estava fora. O laranja é a sua cor preferida, e o pai queria fazer-lhe uma surpresa, mas como tínhamos 8 e 9 anos, o trabalho ficou sofrível. A minha mãe diz que não quer voltar a pintar a casa porque não tem dinheiro, mas na verdade acho que se está a agarrar a essa recordação do meu pai.

Quando entramos, suados e sem Takis (no meu caso), dou finalmente uma olhadela ao telemóvel. JoyeriaFlores não é viral, mas já tem algumas centenas de notificações no Twitter e no Instagram, com muitas pessoas entusiasmadas nos comentários. Acedo rapidamente ao Etsy.

Metade dos artigos já foi vendida. Atiro-me para cima da cama e tenho uma convulsão de felicidade, guinchando suficientemente alto para que o Cesar venha a correr, preocupado.

— Ok... Não quero saber. — Ele recua lentamente para longe da minha guincharia.

Quando me acalmo, publico um agradecimento a todos pelo apoio e prometo repor alguns dos artigos mais populares em breve. Em seguida, meto mãos à obra para tentar vender o resto. Volto para o quarto da minha mãe e ponho algumas das peças de bijuteria. Depois faço alguns vídeos para o TikTok. Só publico um e guardo os restantes para publicar mais tarde. Espero que algum destes vídeos seja sugerido a toda a gente, de modo a poder explodir. Quando ouço a porta da rua a abrir, corro a cumprimentar a *mami* e preparo-me para ser arrebatada.

— *Mami*, tenho uma surpresa para ti! — digo, abraçando-a.

— Uma surpresa? — Ela ergue o sobrolho.

Tiro o telemóvel do bolso, abro a minha publicação no Twitter e entrego-lhe o telemóvel. Sustenho a respiração enquanto observo todas as suas expressões, tentando calcular até que ponto ela já leu a publicação. A expressão dela não muda, mas o polegar move-se para clicar no link do Etsy.

— Gostas do nome? Olha para as vendas! Não é espetacular? *Este* vai ser o meu novo emprego! Posso ajudar-te com a carga de trabalho e trato de todas as cenas online. — Sinto que estou prestes a chorar de pura alegria. A *mami* deve estar tão orgulhosa do meu génio empreendedor.

Ela devolve-me o telemóvel.

— Apaga tudo.

Pestanejo.

— O quê?

— Apaga tudo.

— *Porquê?* — Não consigo evitar a quebra na minha voz.

— Porque eu mandei.

Fico a olhar para ela de boca aberta. Será que não percebe como isto pode ser bom para si? Para todos nós? É ela quem quer que eu ganhe mais dinheiro. Foi ela quem me pôs de castigo *por não* estar a ganhar dinheiro! Porque é tão teimosa? Esta era a ideia perfeita e, sinceramente, não sei o que mais fazer. Parece que nunca dou uma para a caixa.

— Ouve, *mija*, tive um dia longo. Não consigo pensar nisto agora.

Ela passa por mim e entra no quarto sem dizer mais nada. Vou para o meu, deixo-me cair em cima da cama e gemo para a almofada.

Se dependesse do meu pai, ele daria autorização. Ele *adorou* esta ideia. Talvez me possa ajudar. Ou talvez eu só precise de desabafar. Envio-lhe uma mensagem de voz.

— *Paaaaaapi*, tenho saudades tuas. A mãe está a ser uma grande idiota — começo, depois apago e recomeço. — *Papiiiiiii*. Diz à tua mulher que deixe de ser uma grande idiota! — Apago.

Foi preciso gravar sete mensagens diferentes para conseguir libertar toda a minha raiva. Por fim, envio uma mensagem mais calma, a explicar-lhe a situação. Talvez ele faça um dos seus truques de magia e consiga meter-lhe algum juízo na cabeça.

O meu telemóvel não para de vibrar com notificações, até que, por fim, o fundo com a foto em que estou a posar com o meu pai fica a negro e o telemóvel sem bateria. Não tenho coragem para o pôr a carregar, porque isso significaria que teria de dar a notícia constrangedora de que a loja online fechou ao fim de apenas um dia de funcionamento.



De manhã, quando finalmente volto a pôr o telemóvel a carregar, as notificações continuam a aparecer. O que só me deixa

irritada, porque foi um esforço inglório. Mas depois vejo que tenho duas mensagens. Uma da minha mãe...

Mami: Não apagues...

E uma do meu pai.

Papi: Falei com ela 😊





O QUE É QUE UMA RAPARIGA HÉTERO FARIA?

A Yami prefere ser conhecida pelo seu eyeliner perfeito e não por ser a única pessoa de origem mexicana no Colégio Católico cheio de pessoas brancas e ricas.



Depois de a sua ex-melhor amiga e ex-crush ter exposto a sua sexualidade perante toda a escola, a Yami tem as prioridades bem definidas no novo colégio: manter o irmão fora de problemas, deixar a mãe orgulhosa e, mais importante que tudo, não se apaixonar. Claro que ela nunca foi boa em nenhuma destas coisas, mas isso é um problema para a Yami do futuro.

A Yami do presente está determinada em ser hétero a todo o custo. O problema é que é difícil ser hétero quando a Bo, a única rapariga abertamente gay no colégio, é tão perfeita, inteligente e cute. **Tão cute.**

**A YAMI NÃO PODE MESMO
REPETIR OS ERROS DO PASSADO
E, DEFINITIVAMENTE, NÃO PODE DEIXAR
QUE A SUA MÃE DESCUBRA QUE É GAY.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

📱 seekthebutterfly.pt
📷 @boldreadspt
#seekthebutterfly

ISBN 9789897870644



9 789897 870644 >